

Fontes e Pontes do Futuro

Tema: Educadores Portugueses – António Sérgio

SILVA, Agostinho da. Fontes e pontes do futuro. Tema: Educadores portugueses – António Sérgio. *Vida Mundial, o mundo numa semana*, Lisboa, ano XXXIV, n.º 1.732, 18 ago. 1972, pp. 49-51.

Como muitas vezes se confunde educador com professor, será bom principiar por esclarecer que Antônio Sérgio, em toda a sua vida e em todas as suas atividades, foi fundamentalmente educador, só episodicamente exerceu o ensino: andou, ao que eu saiba, pelo secundário num pequeno colégio, para os lados da Estrela, onde deu aulas de Filosofia a alunos que se preparavam para entrar na Universidade; quanto a ensino superior, incompatíveis por vários motivos ele e as universidades, apenas, num regresso de exílio, ocupou em Santiago de Compostela, e por pouco tempo, uma cátedra de Literatura Portuguesa. Claro que sempre entrara em Universidade, mas por outro caminho, o de autor no programa, segundo o giro de tanta Universidade por esse mundo fora que detesta a inteligência, enquanto viva, e monotonamente zombe sobre ela depois de morta. No fundo, melhor foi para ele, porquanto se demonstrou mais sua tese favorita, a de uma urgente reforma da mentalidade, e escapou dos maus efeitos que o lugar sobre ele poderia ter tido. Mal que lhe veio por bem, como são muitos, embora na maior das vezes de tal nos esqueçamos e sejam as nossas reações não de paciência e espera mas de contra-ataque ou desânimo.

Não foi, pois, seu destino o de educar meninos, submetendo-se com eles a todas as imposições dos programas. Coube-lhe a tarefa, mais alta e livre, de educar o próprio homem, não no sentido, que é habitual, de lhe cominar tal doutrina ou tal fórmula de vida, mas de reclamar a sólida saúde e o claro inteligir que o leve a contemplar mundo, a escolher o que de melhor nele ou em seu espírito achar e, em seguida, a tentar que vá a vida pelos caminhos que se lhe afigurarem melhores.

Talvez seja bom, nesta altura do escrito, confessar eu que não vou muito pela idéia de que possa ser o educando inteiramente livre perante o educador: só perante o que não existe somos nós livres: para o resto, logo vem a

limitação daquilo que é, como é. Se o educador tem por ideal que seu aluno seja livre, é esse então o modelo pelo qual o quer, o que não deixa de ser modelo e nem se sabe se metafisicamente certo, porquanto há discussão sobre se o homem é livre ou sujeito a forças de que não pode escapar. O que acontece, porém, é que há modelos que são, para cada um, mais ou menos simpáticos, por os achar mais ou menos certos, mais ou menos de acordo com o que se lhe firmou como ideal. Para que não haja nenhuma espécie de confusão e não se veja, nesta minha dúvida quanto à liberdade de educandos e educadores, alguma espécie de limitação a Sérgio, direi que o meu modelo seria, esse também, o do homem fisicamente saudável, embora saiba de Pascal e outros; informado do mundo com amplidão e segurança, mas sem a erudição que tantas vezes abafa a capacidade de imaginar e julgar e agir e de reserva sempre para as idéias novas que possam surgir. Homem impaciente de quem despreza o corpo por amor do espírito, e do contrário; furibundo e de dente e garra quando lhe querem pôr freios ou quando o querem convencer de que o caminho de progresso do homem está no obedecer a quem se dá ares de possuir a verdade; hostil aos que defendem o pouco talento de que Deus o dotou, se de algum, com cuidadas aparelhagens que aos outros impedem demonstrar que nem tudo que brilha é ouro e há muito pechisbeque à mira de contraste que o garanta do melhor quilate.

Ora parecia a Sérgio que, assim como, geograficamente, Portugal, o do Continente, que afinal quase só desse tratou, e aqui lhe teremos real limitação, como a Verney ou Herculano ou Antero, se divide em dois territórios bem diferentes um do outro, o Portugal do Norte, atlântico, plantador e, será que o posso dizer, gótico, e um Portugal do Sul, mediterrânico, itinerante e, vamos pôr o simétrico, mouro, há também na história dois países distintos, um até ao século XV, outro depois do século XV; é esta, de resto, e é bom notá-lo, uma fratura que Portugal partilha com a Espanha: é também nos inícios do século XVI que Carlos V, vencendo em Villalba os “comuneros”, abafa a verdadeira Espanha, a dos “fueros” e liberdades regionais, já muito enfraquecida, além de tudo, pela centralização leonesa e, principalmente, pelo reinado de Isabel e Fernando. Em Portugal, onde, apesar das aparências, a revolução popular do século XIV deixa de o ser com a subida ao trono de D. João I e a ascensão da nobreza nova, com impressionante ecoar pela história fora até ao fracasso do setembrismo e ao desvio da República, poder-se-iam pôr como datas-limite a proclamação de D. João II, admirado pela Católica,¹ olhai aí, ou a partida da expedição para a Índia, paralela, quanto a efeitos, a terem os reis espanhóis cedido a Cristóvão Colombo, ou a matança dos judeus de Lisboa no tempo de D. Manuel.

Se quereis saber como era o primeiro Portugal ou, pelo menos, como o via Sérgio, embora não falasse aí das liberdades municipais, nem da economia coletivista, nem dos sentimentos e criações religiosas, mas, basilarmente, de como funcionavam os espíritos e se tomavam resoluções, lede o ensaio sobre a conquista de Ceuta. Aparecida a idéia ou emitida a hipótese, para mais assimilarmos o caso ao que se passa em ciência, de que era desejável tomar Ceuta, ou porque a pirataria incomodava as costas e os navios portugueses, ou porque a sua posse manteria em respeito o Reino de Granada, se é que queríamos boas relações com o castelhano, ou seria ameaça para o castelhano mesmo, caso fosse remisso, ou porque ali ia o trigo que já principiava em falha de Inglaterra, feita, pois, a suposição de base, cientificamente se documentam os portugueses espionando o porto, onde os bons surgidouros, onde mais fortes as defesas, onde mais vulneráveis elas, nos pontos baixos de praia a que se lançará a hoste. Primeiro, hipótese, depois, mapa, como em estado-maior, mapa cartografado, como o foram daí por diante todos os de Portugal, por quem viu e ouviu, não de lendas e contos; depois haverá a enumeração dos recursos e a ida ao Porto do Infante, para os bons navios em que o burgo era rico, em seguida o disfarçado navegar, e, só no fim, na altura certa, o ímpeto a que nada resiste.

Quebrado Portugal com o mercantilismo das navegações da pimenta, como se quebrou a Espanha com o ouro de México e Peru, sem que, cá ou lá, se escutasse o “Velho do Restelo”, que preferia a tudo a ordenação doméstica e, quando muito, a integração do Magreb na Ibéria ou a unificação de Magreb e Ibéria; quebrado com o enfraquecimento da organização municipal pelo poder absoluto do rei; quebrado com a introdução de instituições que de cristãs só tinham o nome, como só de cristãos tinham o nome seus adversários protestantes; só num ponto, o da construção do Brasil, fato que Sérgio não viu, mas o viu Cortesão, o País continuou a ser o que era, no resto nem sombras, como logo o testemunharam um Camões, um Diogo do Couto, um Mendes Pinto, talvez o mais duro de todos, os economistas que Sérgio antologiou e os iluministas e estrangeirados do século XVIII e tema em que insistiram os imediatos predecessores e seus mestres que foram Alexandre Herculano e Antero de Quental, talvez sem a merecida atenção ao que fez um Garrett.

Estrangeirados, digo eu, para seguir a nomenclatura vulgar; nacionalistas do primeiro Portugal, do Portugal de raiz, do Portugal autêntico, é que eles foram, como Sérgio o foi, e fiquem os estrangeirados do outro lado, com quem se tornou implacável defensor de uma economia de exploração do homem pelo homem, que Portugal repele; com quem julga que governar e ditar

são exatamente a mesma coisa e nada aprendeu na experiência das vereações e das Cortes, nem meditou a grande lição que é aquele conselho das vésperas de Ceuta, com o rei a discutir a grande empresa com seus pares e amigos, tão jovens uns como o Infante, tão “russos” outros como já o era D. João; estrangeirados ainda com quem não acaba por entender que Portugal é ecumênico mesmo, de pensamento, de alma e de fé, e precisa de saber, livre, de tudo o que se passa no mundo e de em tudo intervir com sua opinião e de, pela opinião de todos, à sua própria modelar.

A educação, portanto, que Sérgio reclama não é uma educação que nos aproxime da Europa, à maneira do que propunha Ribeiro Sanches e quis executar Pombal, que, por déspota, não era português, mas só um estrangeirado à Frederico; é uma educação que nos restitua a nós próprios. Do século XVI para cá, segundo Sérgio, temos estado num cativoiro da Babilônia onde, já não sentados, mas prostrados, choramos o Sião de que tão mal cuidamos, surdos aos alarmes e apelos de um Sá de Miranda ou de um Jerônimo Osório, e quem sabe se não é deste mesmo, quer ele o quisesse ou não, o sentido profundo do salmo em redondilhas de Luís de Camões: de então para cá só tivemos um ou outro relâmpago de beleza particular, entre eles Sérgio, digo eu, mas do que precisamos mesmo é da beleza geral de um povo-comunidade, comunidade econômica, comunidade política, comunidade educativa, comunidade metafísica, comunidade de vida e morte, com todos padecendo as mesmas dores, se as tiver de haver, e jubilando nas mesmas alegrias que decerto virão.

Quando António Sérgio prega o sistema cooperativo, ao mesmo tempo que, em artigos meio esquecidos, fala nas técnicas novas que, trazendo a abundância, poderão ultrapassar qualquer sistema econômico, o que ele quer, e apoiando-se nas tendências coletivistas que sempre foram nacionais e que sobreviveram até hoje, apesar de romanos, visigodos, árabes, cavaleiros francos e monges de Cister, é assegurar ao povo português.

Além de tudo, que é cultura para Sérgio? Não é saber; sabiam muito os sábios alemães, mas raros foram os que até não encontraram no saber mais motivos ainda para não intervir, e até para agravar o que se passava no seu país pelos anos 30 e 40; sabiam pouco os camponeses, operários e pescadores que, quando floresciam sábios em Roma, e Roma, apesar disso, decaía, seguiram outro operário também de pouco saber humano e mudaram o mundo. Cultura não é o que se aprende em livros, nem ser culto é tornar-se em armazém de noções, o que traz como consequência que sejam na realidade quase todas as escolas que existem pelas nações escolas de incultura e não de cultura; tudo a peso para o exame, nada do imponderável para o espírito. Cultura, põe-no

claramente Antônio Sérgio, é o infatigável exercício do espírito crítico, o dom inato, e aqui entrava toda a sua metafísica de essência platônica, cartesiana e kantiana, nunca tendo descoberto a nossa mesmo, a dos ditados, quadras, cultos populares e dom inato de esclarecer idéias, de concatenar noções, de mostrar o universo como máquina coerente, embora porventura misteriosa e por aí solicitando nosso contínuo avanço. Cultura é o espírito laborando no espírito, embora lhe seja material o conjunto de fatos, que eram já, de resto, para Sérgio, produtos, eles próprios, de um pensamento pensando; cultura é o essencial no essencial se exercendo, o que já está bem perto daquilo a que Antônio Sérgio chamava de misticismo racionalista, e cuja elaboração sistemática ou completa vivência a vida o impedia de atingir.

Política lhe foi sempre também meio de atingir cultura, nunca admitindo que o cidadão não participasse da República e que fossem tomadas sem seu consentimento as resoluções que todo o presente e todo o futuro lhe comprometeriam. Mesmo quando por algum tempo as idéias de executivo forte e de ordem geral, muito distinta de ordem pública, estiveram um pouco embaraçadas em seu espírito, mesmo aí, não concebia que uma resolução dessa natureza pudesse ser votada senão pelo povo, com fins determinados e por determinado tempo. Cultura e democracia lhe apareciam em união indispensável para que pudesse o povo um dia, no seu total, atingir o nível que por natureza e vocação tem de ser aristocrata, isto é, de se saber governar cada homem racionalmente a si mesmo, sem mais interferência de pessoa ou instituição alguma.

Para tudo isto, e voltemos aos professores e às escolas, se tem de reformar o sistema de ensino, fazendo que, desde a infantil à Universidade, desenvolvam aulas, laboratórios e ginásios, já que diretamente não desenvolve a vida, como devia se estivesse bem organizado, o corpo e o espírito, a capacidade de raciocinar e agir, os meios próprios de imaginar e criar de toda a criança, adolescente ou moço que se lhes confie, ao adulto se estendendo também na indispensável educação popular. Varrido o humanismo, que, simultaneamente, em Sérgio acaba no homem e ao homem transcende da sua ligação com as línguas e culturas clássicas, é preciso que ele esplenda, iluminando caminhos, nas línguas modernas e fundamentalmente nas ciências, que não devem ser ensinadas como feitas, mas como fazendo-se, pela observação dos fatos e a estranheza perante eles, pela invenção da hipótese pelo imaginar da experimentação, pelo colher dos dados, pela sua integração no já conhecido e pelo rasgar de novas avenidas. O essencial é que o ensino científico inculque nos espíritos a dúvida metódica, o alerta crítico, a noção de que todo o resultado

da ciência é puramente conjectural, sempre no limiar de uma confirmação ou de um desmentido. Para o que é necessário ser confiante perante a inteligência e humilde perante o mundo. Quanto à filosofia, antes se não ensinasse ela do que se dê ao aluno a idéia de que chegaram os filósofos a qualquer espécie de certeza ou tenhamos dos sistemas que têm sido elaborados a idéia que teríamos de Haydn ou Mozart, se mestres de música, em lugar de as fazerem tocar, nos assobiassem sinfonias. Filosofia é uma pilha de hipóteses; só, a mais do que isso, a certeza de que o espírito pensa: daí se irá ao resto.

Como conclusão de tudo se poderia repetir a frase que Sérgio gostava de citar como resumo do que queria com todo o seu pensamento e toda a sua ação: “Ser grego é conversar com os homens”, deixando para o bárbaro impor idéias, inculcar sistemas, excluir leituras, proibir que se diga isto ou aquilo, troçar do adverso, caricaturá-lo para o demolir, ou fechar-se num silêncio que se queria superior, mas é a prova mais plena de inferioridade perfeita. Ora o que Sérgio poderia ter citado, ao mesmo fim, era a frase de um homem nosso, sobrevivente ainda do século XV, na esteira ainda da real cultura portuguesa, quando se funda no Brasil, em São Vicente, hoje no Estado de São Paulo, o primeiro município; é o homem Pêro Lopes de Sousa e diz ele, em seu “diário”, que se fizera o município para que fosse “a vida conversável”. Por esta “vida conversável” pensou, escreveu, falou, existiu Sérgio: por causa desta “vida conversável” o sacrificou o Portugal do seu tempo; julgando que a matava e o matava: os dois, porém, conosco estão, conosco estarão.²

Notas

1 Refere-se Agostinho da Silva a há pouco mencionada rainha Isabel, cognominada “a Católica”. [N.O.]

2 Na série de colaborações que escreveu para a *Vida Mundial*, sob o título geral “Fontes e pontes do futuro”, Agostinho da Silva costumava publicar um texto principal e mais três colunas, intituladas “Antologia”, “Apontamento” e “Ficha de Leitura”, com as quais completava o conjunto da seção de “Educação” daquela revista. Com este artigo sobre Antônio Sérgio, não foi diferente. Optamos, no entanto, por apresentar aqui “apenas” esta peça central sobre o autor dos *Ensaíos*. [N.O.]